

# Transatlânticas

Este espaço tem a colaboração da FLAD  
Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento

## Entre dois versículos

**C**OMEÇAR raso. Avançar devagar. Elevar bem alto. Exaltar. E sentar-se.

Eis as regras base da oratória negra que, a 20 de Janeiro, tão bem serviram o sermão com que Barack Obama entrou para a História como o primeiro presidente afro-americano dos Estados Unidos da América.

Os voos retóricos da igreja negra encontram muita da sua força na condição de opressão e sujeição. E agora que o Senhor surgiu dos exércitos dos oprimidos põe-se a questão de saber quanta desta retórica sagrada conseguirá chegar ao real: como transformar a profecia em poder político?

Obama começou bem.

«Quando eu era criança, falava como criança, raciocinava como criança. Mas quando me tornei homem, deixei o que era próprio de criança». O versículo 13:11 da I Carta aos Coríntios veio anunciar que a campanha eleitoral acabou e que um outro olhar sopesa as obrigações e responsabilidades da liderança.

**V**IRADA a página, o 44.º Presidente tocou rápida e subtilmente os pontos de ruptura com as mais controversas políticas do seu antecessor, renovou o compromisso com a guerra ao terrorismo islâmico e, sobretudo, concentrou-se na crise económica e política para cujo combate convocou a força do patriotismo, apelando à unidade nacional, ao exercício da coragem pessoal e à responsabilidade individual.

Com tantas e tão duras batalhas no horizonte, a Inauguração marcou já ganhos significativos para a comunidade política. A presidência americana replica a monarquia constitucional, com a 'coroa' investida no Presidente, comandante em tempo de guerra e centro da congregação dos cidadãos. A cerimónia da inauguração celebra essa



Manuela Franco

Investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais – U. Nova

**Obama possui as qualidades excepcionais dos heróis dos tempos modernos. Ele é sonho americano incarnado. Espera-se que com a mão esquerda produza emprego e com a direita feche Guantanamo.**

realeza'. E o filho de um homem que há 60 anos não se teria podido sentar à mesa de um restaurante em Washington foi saudado por milhões de americanos que jamais haviam pensado em tal festejo.

Entre estes, muitos há que sempre se sentiram 'fora' do sistema, atribuindo os seus problemas aos ricos, aos gananciosos, ao racismo, à sociedade; e muitos outros a quem os termos 'patriota' ou 'governo' apenas convocam desprezo e virar de costas. De súbito, a posse de Obama restaura uma grande dimensão do poder americano: terra de esperança e glória, oportunidade e liberdade, incomparável tolerância e justiça. O sonho americano está de volta, ao vivo e em directo, da Casa Branca para a América e para o mundo.

**O** PODER seduz. E se não se sabe por que porta da História sairá, sabe-se já que Barack Obama possui as qualidades excepcionais do herói dos tempos modernos. Ele é sonho americano incarnado, razão e demonstração da excepcionalidade da república democrática constitucional, da força revolucionária inerente à liberdade política e aos direitos individuais. A humildade das origens e o caminho percorrido, a vantagem arrancada às circunstâncias, conferem uma aura de providencialidade que a todos permite o sonho e a ilusão de pertença universal.

Espera-se dele que, ao mesmo tempo, salve a nação, o mundo até, do desastre financeiro, e dessa coisa estranha, insondável e incompreensível que é a sanha fundamentalista contra a vida do conforto e dos prazeres.

Espera-se que com a mão esquerda produza emprego, conserte a infra-estrutura nacional, acabe com a dependência energética, invista na educação, reforme a saúde e a segurança social, aumente a segurança interna e o cumprimento da lei, permita o

acesso dos homossexuais às Forças Armadas, acabe com o consumo de drogas. E que, com a mão direita, feche Guantanamo, faça a paz no Médio Oriente, neutralize o desafio nuclear do Irão, transfira tropas para o Afeganistão, tenha a perseverança de segurar o Paquistão, moderar a Rússia, articular a emergência da Ásia, socorrer África, e acudir aos aliados europeus fingindo não lhes perceber a fraqueza.

A intensidade do interesse global na eleição americana denota respeito pelas suas instituições e revela a imprescindibilidade da liderança dos Estados Unidos. Os americanos desejam reafirmar o orgulho nacional e encontrar novos sentidos para o seu poder. A tarefa agora é inverter a percepção de que Washington possa ter abandonado princípios e traído valores.

**A** MUDANÇA pode ser apenas simbólica e não perdurar. Muito depende do Presidente e do que (e como) fará, questão importante dado o quão pouco testada foi, até hoje, a sua capacidade executiva. A ascensão de Obama tem implicações políticas importantes, sobretudo vista a ambição de alcançar uma presidência transformativa, à laia

de Roosevelt ou Reagan. As chances aumentam se o Congresso permanecer democrata, se crescer a margem eleitoral no Senado. Para tanto, terá de protagonizar uma reconstrução da própria ordem política. É um objectivo tremendamente elevado, mas Obama não ignora que, se falhar como Presidente, dará a um republicano a possibilidade de criar uma nova coligação conservadora.

O herói não aparece *ab nihilo*: é filho da crise e tem de trabalhar o quinhão que lhe coube. Por agora, a recessão coloca o país diante de um défice de um trilião de USD e 11 milhões de desempregados. A recontagem faz-se diariamente, sempre em crescendo. «Estou-me nas tintas para qual é a cor dele», disse à Reuters Garrell Winstead, um promotor imobiliário de 67 anos, vindo de Cincinnati, Ohio. «Se a economia não melhorar e se ele não criar postos de trabalho, a paciência evapora-se».

Guardado para outra ocasião fica o versículo 13:12 da mesma Carta aos Coríntios: «Agora vemos como num espelho, de maneira confusa; depois veremos face a face. Agora conheço de modo imperfeito; depois conhecerei como sou conhecido».

### BREVES

#### Portugueses concorrem a Harvard

14 JORNALISTAS portugueses candidataram-se para a Nieman Journalism Fellowship, em Harvard, financiada pela Fundação Luso-Americana e pela Fundação Calouste Gulbenkian. Dos 136 candidatos de todo o mundo só 12 serão seleccionados, no final de Fevereiro.

#### 'Excelentes candidatos'

DURANTE um ano lectivo (2009/2010), os jornalistas vencedores da Bolsa Nieman frequentarão aulas na Universidade de Harvard e terão oportunidade de reflectir sobre a sua profissão. Segundo a Nieman Foundation, «este ano há excelentes candidatos».

Sara Pina